

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT06.004

MESTRAS E MESTRES DA CULTURA POPULAR: CONHECENDO PERCURSOS E TERRITÓRIOS ANCESTRAIS NAS AULAS DE ARTES

Luana Karen de Lira Monteiro¹
Renata Viana de Barros Thome²

RESUMO

Este escrito será dedicado à refletir a partir de experiências artísticas na escola pública. Abriremos uma provocação; será lançada uma flecha de pensamento sobre aspectos das concepções e tendências formativas (BARBOSA E COUTINHO, 2013) no ensino de artes para analisar um trabalho fundamentado em personalidades históricas brasileiras que hoje são sinônimos de representatividade, resistência, memória e ancestralidade. Ailton Krenak, Zabé da Loca e Mestre Janja são alguns dos nomes presentes na atividade realizada, que tratou de envolver aspectos criativos, educacionais e históricos no ensino fundamental da educação Estadual no Rio Grande do Norte. A partir da prática tratarei de refletir sobre modalidades formativas que circundam algumas dimensões da arte educação, principalmente do ponto de vista que à realoca de forma cultural e identitária. Trago como premissa a necessidade do contato com territórios e personalidades históricas originárias para trabalhar as dimensões da ancestralidade e tradição nas aulas de artes. Outros conceitos colocados em questão como própria noção de ancestralidade (OLIVEIRA, 2001). Sendo assim, busco demonstrar como o envolvimento de várias linguagens artísticas pode nos levar a pensar a prática pedagógica de maneira mais ampla, uma vez que as dimensões artísticas no fazem caminhar sobre alguns conceitos como: sensação, experimento, criação, crítica, análise, entre outros que nos guiam por outros pontos

1 Mestre do Curso de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED) - UFRN, e Mestranda do curso de Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES - UFRN) luanalirarn@gmail.com.

2 Doutora. Professora e orientadora do Curso de Mestrado Profissional em artes (PROFARTES - UFRN), renata.viana@ufrn.br.

de vista históricos, identitários e educacionais. Para tal, além de fazer uma análise descritiva da atividade realizada, será ainda demonstrado os resultados artísticos de alguns estudantes envolvidos.

Palavras-chave: Ancestralidade, Aulas de Artes, Escola pública, Educação.

INTRODUÇÃO

Nosso país possui um rico patrimônio natural e humanístico, a educação deve ser um lugar para a preservação e perpetuação desses conhecimentos e bens. Para garantir o bem viver das próximas gerações, é necessário que elas entendam e entrem em contato com o que foi construído antes, com o que veio daqueles que ocupam essas terras desde o princípio. O estudo da produção, história e experiências de vida dos povos originários e afrobrasileiros que fundaram o que hoje chamamos de nação, ou sociedade brasileira é previsto em diversos documentos normativos que guiam nossas práticas pedagógicas e currículos. Aqui dando destaque aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB 9394 de 1996), e a Base Nacional Curricular Comum (BNCC); destaco como esses documentos tem como premissa para o ensino de artes o pluralismo de ideias e práticas pedagógicas, a presença inegociável de conteúdos que abarquem a diversidade cultural de nosso país, bem como a valorização e a experimentação a partir dessa diversidade de saberes.

Podemos identificar, ainda, investigando o histórico de escritos sobre algumas questões próprias das dimensões da arte/educação o mesmo compromisso com o processo de expansão de nossos referenciais teóricos/curriculares/referenciais artísticos, com o intuito de entender de forma mais crítica e múltipla nossos processos históricos, econômicos, sociais, políticos e educacionais. Dado isso, aponto enquanto uma preocupação ou mesmo uma urgência de nosso sistema de ensino, a ampliação de trabalhos que se fundamentam em torno das matrizes culturais originárias de nosso território. Por esse motivo, um dos marcos teóricos que embasam essa pesquisa é o conceito de Ancestralidade em sala de aula.

Sendo assim, surge a proposição de trabalhar artisticamente a história de vida e as contribuições culturais, sociais e educacionais de algumas personalidades indígenas, negras e caboclas que perpetuaram em nosso país epistemologias e práticas originárias fundamentais para àqueles que hoje ocupam as salas e corredores das escolas públicas.

A proposta da atividade foi, portanto, conhecer a história, o percurso de vida, os ensinamentos e às contribuições sociais das personalidades: Ailton Krenak, Mestre Janja, Mestre Bimba, Maria Carolina de Jesus, Zabé da Loca, Mestre Severino, Mestre Salu, Dandara dos Palmares e Cacique Raoni.

O reconhecimento, ou podemos dizer, o encontro com os percursos de vida dessas lideranças socioculturais foi feito através de vídeos, diálogos expositivos e pesquisas bibliográficas realizadas em sala de aula. O enfoque do levantamento de todo esse referencial era o aprendizado das contribuições e das lideranças que nasciam de espaços como a Capoeira, o Coco de Roda, de territórios indígenas, de quilombos, terreiros, dentre outros espaços de resistência e de luta social pautadas principalmente em questões étnico raciais.

É essencial que as aulas de artes, assim como a educação no geral, sejam espaços de encontro, respeito, inclusão e valorização. Por isso, esse trabalho buscará contribuir fornecendo teorizações acerca da prática pedagógica de professores/pesquisadores nas áreas artísticas, e enriquecer o cotidiano da comunidade em geral, uma vez que o estudo foi desenvolvido na Escola Estadual Alberto Torres, uma das escolas públicas do Rio Grande do Norte. Dito isso, a motivação dessa pesquisa, é pautada em políticas públicas e referenciais teóricos que fundamentam discussões acerca de arte educação, multiculturalidade, ancestralidade e relações étnico raciais; em busca de compreender: quais as repercussões de processos educacionais artísticos fundamentados na ancestralidade? E como tais práticas podem contribuir para formação ou reconhecimento identitário dos envolvidos.

Os estudos contemporâneos que permeiam os fundamentos teóricos da arte na educação apresentam caminhos significativos no que diz respeito à práticas pedagógicas comprometidas com os desafios do tempo presente, como por exemplo: a complexidade da diversidade cultural e étnica, e os desafios de questões ambientais/territoriais. Embora muitos estudos tenham sido realizados no sentido de discutir caminhos para uma educação que caminhe rumo à equidade, respeito às diversidades e valorização das múltiplas manifestações culturais, muitos caminhos de discussões ainda são possíveis no que diz respeito a integração de práticas pedagógicas, e mesmo na construção de currículos pautados por na ancestralidade e na diversidade cultural de nosso país. É nesse sentido que nasce a proposição artística de conhecer mais profundamente o histórico e a contribuição de personalidades negras, indígenas e locais nas salas de aula, uma vez que é perceptível que em muitas situações existe uma falta de reconhecimento do contexto histórico de nosso país.

Por vezes, os conteúdos presentes em livros, meios de comunicação e redes sociais dão enfoque predominante a uma cultura universalista, colonial e, proveniente de matrizes brancas. O resultado dessa hierarquização cultural,

que coloca culturas tradicionais, originárias e afrobrasileiras como rudimentares, antiquados e primitivos, é a falta de conhecimento dos estudantes de suas raízes. Existe uma falta de interesse em conhecer outros pontos de vista e outros marcos históricos de nossa formação enquanto sociedade. E são justamente esses pontos que ficam de lado, ou são realmente apagados e esvaziados, que nos mostram as reais facetas da colonização em nosso país; como também nos acendem os olhos para as existências que a partir de suas lutas, retomadas e aglomerações, mantiveram viva culturas ancestrais e tradicionais, que hoje nos ensinam; dentre outras questões, a cuidar do mundo, a observar e aprender com a natureza, a nos organizarmos socialmente de outras formas que não somente a partir da hierarquização e exploração.

Portanto, Mestras e Mestres da cultura popular é um trabalho que a partir de proposições artísticas, tem como objetivo enriquecer o olhar dos estudantes acerca de culturas e práticas originárias, abarcando assim também discursos acerca de questões sociais tão importantes para os tempo de hoje a partir da visão de algumas culturas e mestres locais.

Imagem 01. Mestras e Mestres da Cultura trabalhos na atividade.



METODOLOGIA

O percurso metodológico escolhido mirando nos objetivos de observar as repercussões de proposições artísticas baseadas na ancestralidade e no estudo

da cultura originária de nosso país, será a a/r/tografia tal como esboçada por Dias e Irwin (2013).

A a/r/tografia pertence ao âmbito das pesquisas educacionais baseadas em artes, e é um tipo de método que busca compreensões mais amplas das dimensões da pesquisa, principalmente através de meios artísticos. Na pesquisa artográfica entende-se “o poder da imagem, do som, da performance e da palavra, não separados ou ilustrativos um dos outros, mas interligados [...]” (Irwin, 2013, p. 29). Essas e outras dimensões da arte são convocadas para uma ampliação das significações do que acontece em campo, mas também como parte da composição textual, do corpo da pesquisa. A interligação de elementos de formas qualitativas de pesquisa (levantamentos, coleta de dados, entrevistas, observação participante etc.) e de maneiras artísticas de criação e experimentação (pintar, desenhar, criar diários de bordo, fotografar etc.), se complementam nesse método dando origem a possibilidades poéticas na investigação. Não como uma negação aos estilos tradicionais de pesquisa, mas sim “uma forma de conversação relacional” (Irwin, 2013, p. 30).

Irwin (2013), aponta ainda a natureza rizomática dessa proposta metodológica, permitindo ao pesquisador colher informações ao longo do desenvolvimento da pesquisa ao passo que desvia ou experimenta outras rotas daquelas traçadas originalmente. Sabemos que os caminhos das investigações educacionais não são lineares, e que, ao estudar processos, estender nossas rotas e agregar outras formas de compreender, interpretar e descrever os fenômenos na pesquisa, pode nos ajudar a ampliar não só a prática investigativa, como também as formas como compartilhamos nossas produções. A partir da a/r/tografia, nos envolvemos, portanto, na experimentação de maneiras criativas de conduzir os possíveis participantes, leitores e espectadores nas pesquisas compartilhadas.

A autora nos apresenta esse método como um tipo de investigação que abrange as práticas do artista, pesquisador e educador, e complementa “é uma metodologia que se liga intimamente à pesquisa-ação.” (Irwin, 2013, p. 28) por seu caráter intervencionista. Ou seja, trabalhar com a a/r/tografia é pôr em ação esses três espaços de confluência, que aqui habitam as dimensões da arte educação.

Neste estudo, temos como objetivo investigar de que maneiras intervenções e proposições artísticas podem transformar determinados contextos educacionais, sendo assim, a a/r/tografia nos oferece uma metodologia mul-

tidimensional ao abordar diretrizes para pesquisa educacional a partir de fundamentos como a criatividade reflexiva, ocupando um “espaço intelectual e imaginativo para a investigação” (Irwin, 2013, p. 34).

Agora, pontuando os caminhos que percorremos para realizar as atividades, inicialmente começamos com aulas expositivas acerca das personalidades anteriormente apresentadas. Nesses momentos, de compartilhar informações, foram expostas um pouco da história de vida e de teorias que as lideranças esboçam acerca de questionamentos sociais, como: A vida em comunidade, questões territoriais, lutas políticas, questões ambientais e entendimentos acerca da história, formação política e cultura na sociedade brasileira.

Após essa apresentação introdutória das personalidades que iríamos trabalhar na atividade, fiz a exposição de fotografias de cada uma delas. Esse momento é ímpar e de muita importância, o contato com os traços, rostos, cores de pele, expressões faciais. Num dado momento, alguns geram estranhamento, já que estamos mais acostumados a encarar a realidade a partir de filtros e dos padrões de beleza constantemente apresentados nas redes sociais. Muitos talvez nem tivessem contato com pessoas idosas, negras ou com traços da cultura indígena, como cabelos diferentes, alargadores. Por isso o imprescindível trabalho a partir da apreciação estética, por isso os questionamentos acerca dos discursos imagéticos que nos são apresentados diariamente, e como isso impacta nossa compreensão do mundo e da cultura.

Em seguida das discussões e apresentações imagéticas, a turma foi dividida em grupos e cada um dos grupos foram escolhendo as personalidades que iriam trabalhar. Escolhas que vieram de gostos pessoais, identificação com a cultura, curiosidade acerca das manifestações culturais que as mestras e mestres conduziam. E então, começamos com os trabalhos com as imagens.

O retrato dos mestres e mestras foram projetados no quadro da sala, para que a partir dali os grupos pudessem traçar os contornos e características principais das personalidades escolhidas. Essa escolha de projetar não foi feita em busca de alcançar a reprodução perfeita da fotografia, mas sim de facilitar o processo de esboço, retirando as barreiras que muitas vezes encontramos por não saber desenhar. O objetivo era trabalhar com a imagem, criar artisticamente em cima daquele retrato, não reproduzi-lo fielmente, no entanto, o medo de errar e de não conseguir “desenhar direito” poderia ser uma barreira, a projeção ajudou nesse sentido.

Imagem 02. Método de projeção utilizado para criação do esboço.



A seguir, depois da conclusão dos esboços iniciamos a etapa de criação mais livre, que envolveria pintura, colagens, desenhos e escritos acima das imagens. Nesse momento, foi dado o espaço para os estudantes sentirem-se livres para experimentar na alteração dos retratos, buscando adicionar também elementos que demonstrassem o entendimento deles acerca dos conteúdos e histórias expostas.

Imagens 03 e 04. Processo de criação artística por cima das imagens esboçadas.



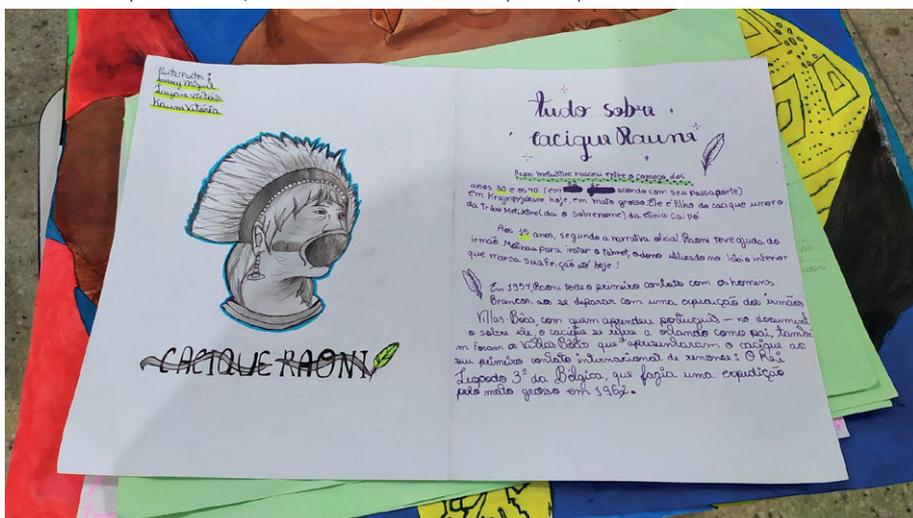
O trabalho com os retratos, a possibilidade da adição de cores, símbolos e elementos imagéticos experimentais, é mais um caminho do aprender. Observando aprendemos, desenhando aprendemos. Estávamos estudando biografias de vida, percursos históricos através da pintura, desenhos e da criação artística. Foram discutidos conceitos como: patrimônio cultural imaterial, colonialidade, lutas históricas, resistência e representatividade. Tudo isso a partir de cores, traços e expressões.

Imagem 05, 06 e 07. Criações artísticas nas imagens das personalidades estudadas.



Em seguida, cada grupo realizou uma pesquisa acerca das personalidades escolhidas, e compuseram cartolinas explicativas dos principais percursos e contribuição daqueles que haviam estudado. O objetivo desse momento escrito era o que viria a ser o momento final da proposta de criação: a exposição para os demais componentes da turma, e posteriormente para escola/comunidade escolar.

Imagem 08. Exemplo de criação textual desenvolvida para a parte escrita do trabalho.



Por fim, essas e outras criações foram apresentadas para a comunidade escolar dentro do evento “II Mostra Científico-Cultural das Escolas Estaduais”, dentro da escola e, mais tarde, dentro de um evento maior envolvendo todas as escolas coordenadas pela secretaria Estadual de Educação.

O momento da exposição e compartilhamento de produções é essencial em qualquer atividade educativa. Educar é, essencialmente, comunicar e compartilhar. Aqui em momentos como esse, vale ressaltar e dar destaque principalmente ao protagonismo dos estudantes frente aos aprendizados e criações. Em conjunturas como essas, desenvolvemos nossa habilidade de dialogar sobre nossos próprios percursos, e demonstrar o que está acontecendo em sala de aula nas escolas públicas.

Sabemos que a educação pública é criticada de maneira destrutiva, com embasamentos políticos que pretendem comercializar e privatizar as escolas e universidades. No entanto, uma grande parte das críticas vem de pessoas que não estão interessadas em conhecer o que acontece para além dos muros das escolas. Elas não conhecem as vidas, as epistemes, as possibilidades que estão ocupando aquele espaço. O sistema educacional possui muitas falhas, dentre elas principalmente as provenientes de sistemas políticos que não querem que a educação seja universal e de qualidade. Partimos de uma história de colonização que educou os filhos da elite para serem lideranças, e os filhos das outras camadas sociais para servirem, com o intuito de apagarem e esvaziarem os bens culturais e sociais que estas outras camadas possuíam. Por isso a necessidade de realocar nossos saberes a partir de outras matrizes culturais. Que na verdade são

nossas, mas nos foram negadas. Em função disso, a necessidade de trabalhos que exponham as realidades escolares públicas. Suas falhas e carências, mas também suas potencialidades e todos os caminhos que percorremos em busca de educações que contemplem as demandas sociais, étnicas e culturais de nossos estudantes.

Imagem 09. Imagens da exposição dos trabalhos.



Imagem 10. Imagens da exposição dos trabalhos.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossa sociedade é muito comum a idealização, e mesmo uma romantização, tanto da educação quanto da arte. Muitas pessoas têm em sua mente conceitos, ideias e opiniões sobre ambas as áreas sem no entanto analisar e vivenciar esses territórios de maneira ativa. Passamos muitas vezes pelo sistema de ensino com o corpo, a mente e o coração amortecidos. Criamos artes de maneiras decorativas, como forma de entretenimento ou de maneira terapêutica, sem atentar para o processo e de que forma ambas as áreas impactam nossa existência. Como Eisner (2008) coloca, existem noções culturais tão enraizadas sobre determinados assuntos que não nos damos conta de questioná-los. Por isso, tanto conceitos e vivências educacionais e artísticas precisam ser revisitadas com mais resiliência.

O autor critica a cultura industrial nas escolas, aquelas que buscam números, realizações e não levam em consideração enquanto processo e sim através do resultado. Quando Eisner (2008) diz que acredita que as crianças merecem mais, entendo que ele se refere à possibilidade de que os sistemas educacionais sejam mais orgânicos que industriais, que comportam mais a diversidade que a uniformidade, que atentem mais para as presenças que para os números. É nesse sentido, que surge no texto a proposição de um direcionamento poético e artístico para a educação. Na medida em que o autor defende que a educação deveria estar focada na formação de artistas, no desenvolvimento de habilidades experimentais, criativas, analíticas, críticas. Tais características, e tantas outras, para mim são das dimensões da arte.

As artes nas escolas definitivamente podem assumir várias funcionalidades e serem utilizadas como caminhos educacionais. Podemos pontuar algumas de suas funções de grande valor social como registrar, comunicar, representar e, inclusive, ornamentar. No entanto, não devemos nos ater apenas às suas funcionalidades objetivas e práticas, existem valores e estados educacionais que podem ser atingidos a partir de conceitos que são originalmente artísticos, como a contemplação, a experimentação e a subjetivação.

Se educar está diretamente ligado à questões sobre a vida em sociedade como cidadania, justiça, equidade, socialização, direitos e deveres, a arte é um dos caminhos fundamentais que precisa ser percorrido; é preciso olhar, criticar e experienciar o mundo artisticamente para a construção de uma sociedade humana e saudável, uma vez que para além do sentir, com a arte podemos com-

partilhar, criar, reinventar, e expor nossas opiniões de forma ativa, refletindo também no meio social e coletivo.

Acredito que um dos grandes pontos que o autor traz para a discussão está na colocação de que “Os limites do nosso conhecimento não são definidos pelos limites da nossa linguagem” (Eisner, 2008 p. 12). Quando falamos de linguagens artísticas, estamos nos referindo a um infinito território de criação de formas de expressão, inclusive de linguagens ainda por serem criadas. É esse universo de possibilidades de compreensões, representações e interpretações, que deveria ser a fonte e o foco da educação. Nutrir ideias, dúvidas, nutrir processos. Por isso, para a indagação do autor do por que a arte na educação, apesar de ter vários possíveis caminhos para uma resposta, e que às vezes é inclusive melhor continuarmos com as perguntas; acredito que a arte é fundamental, e esse lugar de fundamento é inegociável dentro da educação, porque a arte nos ensina sobre leitura de mundos, sobre participação na sociedade, interpretação ativa e pessoal, socialização, agregação de sentidos, e sobre significação de processos.

O território da pesquisa educacional é reflexo das existências que ali estão presentes, sendo portanto múltiplo, diverso, moldável; a pesquisa em educação constitui-se numa prática de estudar vidas, existências e processos. Na intenção de dar destaque à educação enquanto espaço criativo, trata-se nessa pesquisa de ampliar os estudos (e criações artísticas) e contribuir para linhas de investigação que abordam o ensino levando em consideração suas dimensões sensíveis e poéticas. Em espaços consagrados dentro dos muros da escola se desenvolvem vidas à flor da pele, processos e questões sociais, problemáticas individuais. Cultivamos culturas, costumes, gestos que nos permitem vislumbrar maneiras de existir, construir e interpretar mundos. Como considerar essas facetas da vida e sentir cada vez mais realidade nos processos educativos escolares? Seria a ancestralidade um conceito chave para revisitar questões históricas e étnico-raciais em sala de aula? Quais as repercussões do ensino de arte pautado no reconhecimento de tradições originárias do território brasileiro?

A educação reflete primeiramente no social, e é assim que devemos pensá-la. Nossas discussões, então, não podem ser feitas sozinhas. Por isso a escolha de trazer conceitos como multiculturalidade e ancestralidade para essa pesquisa, assim como Bredariolli (2018) aponta em seu texto quando aborda um tipo de aglomeração cultural que caminha por um outro lado da globalização, “Da aglomeração de multiplicidades raciais, culturais e filosóficas, dinamizada

pelas tecnologias informacionais, novos entendimentos locais sobre o mundo e lugar seriam engendrados” (Bredariolli, 2018, p.59).

Quando tratamos dos temas das políticas afirmativas ou de inclusão precisamos ter em mente que estamos tratando de vidas, e de processos históricos que já são repletos de violências, hierarquizações e subordinações, não podemos reproduzir esse tipo de comportamento que trata o outro como exótico, ou como objeto de pesquisa. Portanto, nessa pesquisa que para a realização de um trabalho efetivo, pertinente e significativo dentro desse tema, quanto mais pessoas e referências teóricas originárias, negros, indígenas possamos alcançar, e trazer suas histórias, criações, mostrar suas tradições e também os lugares que ocupam na sociedade, mais enriquecedor podem ser as trocas e às repercussões de uma educação artística pautada na ancestralidade.

Para Oliveira (2005), a partir do diálogo com a experiência africana em solo brasileiro, a ancestralidade enquanto categoria de pensamento é uma categoria de relação, pois “não há ancestralidade sem alteridade” (Oliveira, 2005, p. 258). Assim sendo, a ancestralidade pode ser entendida enquanto lugar de trocas e experiências sejam elas simbólicas, materiais, artísticas ou educacionais. Nesse sentido, a troca é uma atitude, uma ética fundamentada no confronto, no encontro com a história dos que vieram antes de nós. Confrontamento, que pode ser entendido também como reconhecimento ou retomada, que ganha diferentes sentidos diante das complexidades contemporâneas, e como o autor nos mostra, “há outros que co-habitam o tempo-espaço da realidade que mantiveram seu movimento, sua ginga, seu compasso” (Oliveira, 2012, p. 43). A Ancestralidade, através da retomada, nos mobiliza diante da ação de repensar os entes dos mundos, suas diversidades, suas encruzilhadas: “não no limite deles, mas onde eles se encontram e se misturam” (Oliveira, 2012, p. 42).

Dado isso, pensando nas dimensões das modalidades formativas que tratam da arte como expressão e da arte como sistema cultural, é fundamental a realização e a interpretação de processos criativos que nascem da realidade e do ponto de vista dos estudantes a partir do encontro com contextos culturais variados. Além de acreditar que o estímulo à criação e a ocupação desse lugar de protagonismo na arte, ajuda aos envolvidos a se verem como protagonistas de suas próprias vidas, e entendedores de sua própria história uma vez que conhecem percursos históricos diversos. Sempre estabelecendo relações com o que está sendo produzido e discutido na sociedade, uma vez que todos os fundamentos epistemológicos e teóricos da arte educação perpassam por objetivos

formativos que visam a análise do lugar cultural, identitário, histórico e social dos educandos e das referências que temos ao nosso dispor, que como cita Barbosa e Coutinho (2008) irão compor a trama desse sistema epistemológico e criativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho tratamos de expor o percurso tomado para o desenvolvimento da atividade “Mestras e Mestres da Cultura Popular” como proposição artística nas aulas de arte. Trouxemos como fundamento dessa proposição a investigação das repercussões de atividades que envolvem as temáticas das relações étnico raciais e ancestralidades em sala de aula. Além disso, buscamos desenvolver uma discussão com o enfoque de demonstrar a potencialidade das linguagens artísticas em processos educativos, principalmente aqueles que propõe a desorganização de estruturas coloniais e métodos de ensino focados apenas em matrizes culturais únicas, padronizadas e universais. Aqui foi dado destaque a uma atividade onde reencontramos personalidades das matrizes originárias indígenas e afrobrasileiras que construíram as bases e as complexidades culturais diversas de nosso país, que hoje conhecemos enquanto patrimônio histórico cultural imaterial.

Por fim, foi demonstrado como a área das linguagens artísticas tem potencial para desenvolver e acionar diversos campos/noções acerca do aprendizado e da educação.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. **Teorías y Prácticas en Educación Artística**. Barcelona: Octaedro, 2009.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo. Editora UNESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 13 agosto 2024.

BREDARIOLLI, R. **A globalização Requerida: Narrativas descoloniais da arte/ educação do Brasil-mundo.** Revista Portuguesa de Educação Artística, p. 58-76, 2018.

EISNER, Elliot W. **A Educação Artística e a Formação do Gosto.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

EISNER, Elliot W. **The Arts and the Creation of Mind.** New Haven: Yale University Press, 2002.

_____. EISNER, Elliot W. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação. In: CURRICULUM SEM FRONTEIRAS: Revista Internacional de Educação, v. 8, n. 2, p. 28-49, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf> . Acesso em: 09 de junho de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos.** *Currículo sem Fronteiras*, v. 17, n. 2, p. 198-215, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_edu_c%20e%20descolonizacao%20do%20currículo.pdf> . Acesso em: 09 de junho de 2024.

GONZALES, Lélia; NASCIMENTO, Beatriz. **Pedagogia Griô: Saberes da África.** Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** Trad. Bebel Orofino. São Paulo: Cortez, 1997.

LADSON-BILLINGS, Gloria. **Para além de uma educação multicultural: teoria racial crítica, pedagogia culturalmente relevante e formação docente.** Entrevista com a professora Gloria Ladson-Billings. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, e250048, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/es/a/hZfZqnWsY-WXT9Rk9BJNnZYw/?format=pdf&lang=pt> .> Acesso em: 9 jun. 2024.

KAKÁ WERÃ JECUPÉ. **A Terra dos Mil Povos.** São Paulo: Peirópolis, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O amanhã não está à venda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

_____. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NÚCLEO DE ESTUDOS NEGRO. **Multiculturalismo e a Pedagogia Multirracial e Popular.** São Paulo: Editora XPTO, 2022.

SILVA, Maria José Lopes da. **As Artes e a Diversidade Étnico-Cultural na Escola Básica.** In: LIMA; ROMÃO; SILVEIRA (orgs.). Os Negros, os Conteúdos Escolares e a Diversidade Cultural II.. Florianópolis: Atilênde.N.4, Núcleo de Estudos Negros/NEN, 2002a. (Série Pensamento Negro em Educação).

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba: Gráfica e Editora Popular, 2005.

_____. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana : Educação e cultura afro-brasileira.** Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18: maio-out/2012, p. 28-47.